

Prefácio e advertência

Este livro, que começa numa dissertação de mestrado, procura a partir das teses centrais de Sartre, explicitar o sentido e o alcance de uma metafísica da consciência irrealizante. Uma metafísica que desponha da perscrutação do próprio sentido da consciência que (ir)realiza o (ou um certo) mundo. Metafísica que se constitui enquanto demanda dessa realidade última fundante da realidade. E porque toda a metafísica se funde com uma Ontologia na demanda do ser do ente, a metafísica que pretendemos explorar, e que procura vislumbrar e aclarar para além da imediatez dos sentidos e ou da «certeza» dada pela consciência perceptiva, é essa outra consciência que é imaginação. Uma metafísica que ganha um novo fôlego quando postulada segundo uma concepção fenomenológica muito específica – a sartreana. Compreender a metafísica de uma consciência irrealizante é compreender a essencialidade de uma consciência que se dirige e se constitui (enquanto fuga) numa irrealidade. É assim, uma metafísica que vai ao encontro do objecto da consciência imagenizante, isto é, ao encontro que determina a função dita «“irrealizante” da consciência ou “imaginação” e o seu correlativo noemático, o imaginário»¹. Trata-se portanto de determinar o alcance desta consciência imagenizante enquanto precisamente irrealizante.

¹ «Cet ouvrage a pour but décrire la grande fonction «irréalisante» de la conscience ou «imagination» et son corrélatif noématique, l'imaginaire.» SARTRE, Jean-Paul, *L'imaginaire – Psychologie phénoménologique de l'imagination*, Paris, Éditions Gallimard, 1940, p. 13. De ora em diante referiremos esta obra pelas siglas *L'im*.

Poder-se-ia perguntar: a consciência diz-se imagenizante ou imaginante? Devemos desde já esclarecer. Sartre utiliza as palavras «conscience imageante» e não «conscience imaginant»; assim sendo, não se trata de dizer da consciência imaginante, mas da consciência imagem, da consciência imagem-nizante (da acção da imagem dar-se como consciência), isto é, da imagem como consciência.² Estamos conscientes da presença de um neologismo para traduzir um outro (ponderámos a hipótese de referirmos esta consciência como imaginosa, mas tal seria praticar a adjectivação da consciência, que traduziria a ideia da consciência como um lugar repleto de imagens, algo que certamente não agradaria ao nosso autor!). De qualquer dos modos, trata-se de uma questão de fidelidade ao autor. Depois de esboçada a tese sartreana, adoptaremos na conclusão e como corolário da nossa tese a designação de *consciência irrealizante*.

Impõe-se uma nova questão: será que a consciência irrealizante e a consciência imagenizante se equivalem? A resposta é afirmativa em Jean-Paul Sartre. A consciência imagenizante (marcada essencialmente pela espontaneidade e liberdade) ao empreender a fuga da realidade constitui um «antimundo» que é definido precisamente pela sua irrealidade. Assim, a consciência imagenizante e a consciência irrealizante são uma e mesma, uma vez que ao objecto imaginado Sartre faz corresponder a definição de objecto «irreal». Dito de outra forma, Sartre expõe, no âmbito de uma teoria da imaginação, o poder da função irrealizante da consciência e o seu resultado, o imaginário. Esse é o objectivo deste livro, nos seus traços mais gerais. Sartre chega à conclusão de que pela consciência irrealizante/imagenizante o ser humano consegue distanciar-se da absurdidade do real, criando uma vida imaginária (um «antimundo») reveladora da sua mais profunda liberdade – isso constitui e fundamenta, segundo pensamos, as teses principais que encontraremos ilustradas na obra que é *O Ser e o Nada* (comparação apenas sugerida neste ensaio).³ As primeiras obras de Sartre determinam um horizonte conceptual que serve de estudo preparatório (e diga-se essencial como é da opinião da larga maioria dos seus comentadores)⁴ para a magistral obra *L'Être et le*

² Note-se que se traduzíssemos – embora esclarecendo como aqui – a consciência em causa como «imaginante» tornar-se-ia mais acessível, em termos de terminologia, a sua compreensão. Optámos contudo, em seguir fielmente o texto sartreano, uma vez que a consciência imagenizante tem como fundo dois grandes conceitos: o de imagem e o de imaginação, pelo que em nada desvirtua a sua análise.

³ Até porque esse estudo comparativo está já realizado de forma magistral (lendo o *Ser e o Nada* à luz do *Imaginário* e vice-versa) pelo ensaísta MARISTANY, Joaquín, *Sartre. El círculo imaginario: ontología irreal de la imagen*, Barcelona, Editorial Anthropos, 1987. Note-se que Sartre na obra *O ser e o nada*, retomando algumas das teses d' *O Imaginário*, critica precisamente a concepção de imaginação que encontrou esboçada em *L'Eau et les rêves* de Bachelard.

⁴ Entre os muitos comentadores que partilham desta concepção, salientamos o estudo de carácter mais generalista de THODY, Philip, *Sartre*, Tradução de Paulo Perdigão e Amena Mayall, Rio de Janeiro, Ed. Bloch, 1974, e o estudo exaustivo de Joaquín Maristany, já referido anteriormente.

Néant. É nesse sentido que esta obra foi «incluída» neste estudo (não tanto como objecto de análise, mas por referência à tese que acabámos de apresentar).

Mas porquê estudar a imaginação, e em concreto em Sartre? Para além de continuar a ser um tema marginal e envolto numa série de obstáculos,⁵ apresenta-se-nos como um desafio que não poderíamos recusar e que certamente «merece um estudo aprofundado».⁶ Até há presente data, segundo julgamos saber, ninguém terá realizado o estudo da imaginação em Sartre de forma sistemática (pelo menos a nível europeu). Por outro lado e ainda, estudar o tema da imaginação pressupõe o desafio maior de procurar conhecer o homem na sua mais distintiva característica – a consciência.

Devemos, antes de prosseguirmos, fazer algumas advertências. Ao anunciarmos um livro sobre o tema da imaginação segundo Jean-Paul Sartre, não significa que tenhamos empreendido a tarefa de realizar uma arqueologia fenomenológica do espólio de Sartre para lhe descortinarmos uma teoria da imaginação. Sejam claros: o nosso estudo sobre a imaginação incide, principalmente, em duas obras principais, a saber, *L'Imagination* e *L'Imaginaire – psychologie phénoménologique de l'imagination*. É aqui que Sartre expõe a sua reflexão crítica sobre a consciência imaginizante. Quer isto dizer então que, ao contrário do que o título deste livro poderia sugerir, não se trata de expor a concepção de uma teoria da imaginação em toda a produção literária e filosófica de Sartre (que como se sabe é imensa), mas tão-somente procurar clarificar os principais aspectos das referidas obras no que concerne a uma teoria fenomenológica da imaginação, e a partir daí procurar lugares de encontro na contemporaneidade.

Assim, tratámos de analisar estas duas obras de juventude de Sartre, que tantas vezes se vêem remetidas para a prateleira do esquecimento, negligenciando o seu potencial. Significa isto a mera exposição das teses sartreanas? Certamente que não. Note-se que para um dos autores mais lidos – senão o mais lido – da história da filosofia (só a obra *L'être et le néant*, em cerca de 15 anos desde a sua publicação em 1943, vendeu 55 edições, e a edição em língua portuguesa vai na 9.^a edição) e estudado de sempre (existem mais de 4 mil obras sobre ele, e a sua obra foi traduzida em mais de 28 línguas), aos estudos relativos à imaginação não são mais que consagradas umas quantas páginas, abordadas no conjunto das obras de

⁵ Podemos optar por exemplo pelas palavras de Paul Ricoeur quando diz: «uma investigação filosófica aplicada ao problema da imaginação não deixar de encontrar, desde o seu estágio inicial, uma série de obstáculos, de paradoxos e de fracassos que, talvez, expliquem o relativo eclipse do programa da imaginação na filosofia contemporânea». RICOEUR, Paul, *Du texte à l'action: essais d'herméneutique, II*, Paris, Editions de Seuil, 1986, p. 214.

⁶ Opinião que Maria Manuela Saraiva (também) expressa na sua tese de doutoramento, *A imaginação segundo Husserl*, publicada em português pela Fundação Calouste Gulbenkian (em 1994), página 13.

juventude.⁷ Não há muitos estudos relativos à obra *L'imaginaire* tal como não há relativamente à obra *La transcendance de l'ego*, reservando-lhes os comentadores alguns parágrafos, mais ou menos alongados, suscitados pela obrigação de mencionarem as obras que germinam a obra colossal de *L'Être et le Néant*.

Se apresentamos capítulos deste livro intitulados de «curto diálogo» ou «brevíssima abordagem», é porque eles servem para ilustrar e esclarecer as perspectivas implicadas no conjunto da análise das teorias da imaginação, e não como uma pretensão desmedida da nossa parte de realizar um discurso de vocação hegemónica, cujo resultado fosse uma história da imagem e da imaginação ao longo de toda a cultura filosófica que atravessou os tempos. Seja por exemplo Husserl. O facto de o incluirmos nalguns desses capítulos visa demonstrar a influência que exerceu sobre o nosso autor. Mais, a apresentação daquilo que pode ser a «imaginação em Husserl» é feita segundo aquilo que Sartre nos transmitiu. Não pretendemos e não temos a pretensão de apresentar uma teoria assaz complexa e da qual seria impossível esboçarmos um traço sequer. A grande obra em língua portuguesa sobre a teoria husserliana da imaginação continua a ser *A Imaginação segundo Husserl*, de Maria Manuela Saraiva. No entanto, é uma obra terrivelmente datada. No momento da sua publicação os mais importantes textos que Husserl dedicara à imaginação ainda não tinham sido editados.⁸ Convém também esclarecer que não estabelecemos um estudo exaustivo e ou comparativo sobre a imaginação nos autores em causa. Esse trabalho foi tentado por Maria Manuela Saraiva⁹.

Relativamente à obra de referência para este livro – *L'imaginaire* (versão original da Gallimard) – ela é integral e sistematicamente analisada na III parte.

⁷ Relativamente à extensa produção literária e filosófica de Sartre, e aos seus comentadores, pode-se consultar o capítulo «Presença de Sartre» in *Existência e liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre*, de Paulo Perdigão, Porto Alegre, L&PM Editores, pp. 17-27.

⁸ O volume XXIII da Edição Husserliana com o título *Phantasie, Bildbewusstsein, Erinnerung. Zur Phänomenologie der anschaulichen Vergegenwärtigungen. Texte aus dem Nachlaß (1898-1925)*, editado por E. Marbach, foi apenas publicado em 1980. Depois da tese de doutoramento de Maria Manuela Saraiva, muitos estudos se publicaram sobre a imaginação em Husserl. Sublinho apenas PIANNA, G., *La notte dei lampi: quattro saggi sulla filosofia dell'immaginazione*, Milano, Guerini, 1988; MARBACH, E., *Mental Representation and Consciousness: towards a phenomenological theory of representation and reference*, Dordrecht/Boston/Lancaster, Kluwer, 1993; FRANZINI, E., *Fenomenologia dell'invisibile: alde là dell'immagine*, Milano, Cortina, 2001; CALI, C., *Husserl e l'immagine*, Palermo, Centro Internazionale Studi di Estetica, 2002.

⁹ A tese de doutoramento de Maria Manuela Saraiva é à época esse estudo exaustivo sobre «A imaginação em Husserl». A autora realiza, ou melhor, organiza aquilo que pode ser visto como uma teoria da imaginação em Husserl, mas declina a responsabilidade de estabelecer um estudo comparativo com a teoria de Sartre; de algum modo acaba por fazê-lo, de forma mais ou menos, indirecta. A título de curiosidade refira-se que a sua tese de doutoramento partia precisamente do estudo da imaginação em Sartre. A este propósito pode ler-se as primeiras palavras no prefácio da obra.

Fizemo-lo porque não só julgámos ser a forma mais adequada de abordar e apresentar as teses relativas à consciência imagenizante de Sartre, mas também por acreditarmos que este livro pode ser um instrumento pedagógico/didáctico para estudantes e professores de filosofia.

No que concerne às restantes obras, nomeadamente *A transcendência do Ego*, *A Imaginação*, *O Ser e o Nada*, utilizámos as traduções portuguesas. A nossa utilização das traduções baseia-se em dois parâmetros: a comparação com os originais e o estatuto/credibilidade dos tradutores das obras.